

ECOCAPITALISMO, CAPITALISMO VERDE E A DIMENSÃO ECOLÓGICA DA ESFERA ECONÔMICA: PROJETO, FALÁCIA OU NADA DISSO?¹

ECOCAPITALISM, GREEN CAPITALISM AND THE ECOLOGICAL DIMENSION OF THE ECONOMIC SPHERE: PROJECT, FALLACY OR NOTHING?

Giovani Orso Borile²

Mestre em Direito Ambiental

Universidade de Caxias do Sul - Caxias do Sul/Brasil

Jefferson M. da Rocha³

Pós-Doutor em Gestão Ambiental

Universidad de Extremadura - Badajoz/España

Pelayo Munhoz Olea⁴

Doctor en Administración y Dirección de Empresas

Universitat Politècnica de Catalunya - Barcelona - España

Resumo: O presente estudo pretende analisar a temática do Ecocapitalismo ou Capitalismo Verde amplificando o entendimento acerca dos conceitos propostos por essa nova perspectiva que ao mesclar questões econômicas com perspectivas ecológicas oportuniza a todos os teóricos ambientalistas uma nova expectativa quanto ao desenvolvimento sustentável. Através de pesquisa bibliográfica e interpretação da conjuntura histórica e atual, aplicando-se respectivamente o método hermenêutico e analítico, objetiva-

1 - Este trabalho foi realizado com o apoio do Instituto de Cooperación Iberoamericana, ICI/AECI/ESPAÑA.

2 - Mestre em Direito Ambiental pela Universidade de Caxias do Sul - UCS. Graduado em Direito pela Universidade de Caxias do Sul - UCS. Graduando em Sociologia pela Universidade Paulista - UNIP. Integrante do Grupo de Pesquisa “Metamorfose Jurídica”. CV: <http://lattes.cnpq.br/9063196599611399>. E-mail: goborile@ucs.br

3 - Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Pós-Doutor em Gestão Ambiental pela Universidad de Extremadura - UEX, Espanha. Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. CV: <http://lattes.cnpq.br/9707343593567031>. E-mail: jeffersonmrocha@gmail.com

4 - Doctor en Administración y Dirección de Empresas por la Universitat Politècnica de Catalunya - ETSEIB / UPC, España. Maestría en Ingeniería de Fabricación de Papel por la Universitat Politècnica de Catalunya - ETSEIAT / UPC, España, Becaria del Instituto de Cooperación Iberoamericana, ICI / AECI / ESPAÑA. E-mail: pelayo@oe.upc.es

se o desenvolvimento de uma nova consciência ambiental, consolidando por fim que existe a possibilidade de um desenvolvimento sustentável nos fundamentos de uma economia ecológica.

Palavras-chave: Ecocapitalismo; Capitalismo verde; Desenvolvimento sustentável.

Abstract: The present study intends to analyze the theme of Ecocapitalism or Green Capitalism, amplifying the understanding about the concepts proposed by this new perspective that, when mixing economic issues with ecological perspectives, gives all environmental theorists a new expectation regarding sustainable development. Through bibliographic research and interpretation of the historical and current conjuncture, applying the hermeneutical and analytical method respectively, the objective is to develop a new environmental awareness, finally consolidating that there is the possibility of a sustainable development fundamentals of an ecological economy.

Keywords: Ecocapitalism; Green capitalism; Sustainable development.

INTRODUÇÃO

A globalização e o avanço tecnológico em larga escala, invariavelmente, envolvem a apropriação de recursos naturais e a intervenção antrópica na natureza. A ampla discussão acerca da degradação ambiental é reflexo do desenvolvimento e da atividade econômica tão presente em momentos históricos como nos dias atuais.

No presente estudo busca-se, através do método hermenêutico e analítico e de pesquisa bibliográfica, a adoção de uma novo padrão ou sistema de desenvolvimento, abordando-se uma perspectiva diferenciada de produção e crescimento econômico. Através da superação do atual sistema, mesmo que tardia, pretende-se apontar um modelo diferenciado de globalização. Objetiva-se, com a presente análise, demonstrar a caducidade da atual concepção de capitalismo, apontar os principais dilemas apresentados na modernidade, corolários do sistema apontado anteriormente, e legitimar a existência de um contexto diferenciado de desenvolvimento que seja concomitante à causa ecológica.

No primeiro item apresenta-se o segmento capitalista como um regime de produção, distribuição e apropriação da riqueza material, movido e impulsionado por sua autodeterminação e seguindo suas leis gerais de acumulação de capital. E, como tal, influenciador das configurações de

relação econômica e social, introduzindo-se a divisão das classes sociais e uma série de problemas não somente sociológicos mas também ambientais.

Em um segundo momento traz-se a explanação categórica da problemática ambiental, apresentando o rol de dilemas e questões que são observados no contexto da situação. Outrossim, nesse segundo item confirma-se a necessidade de remanejamento e reorganização do atual modelo uma vez que já se evidencia ultrapassado.

E por fim, no terceiro item confirma-se um conceito diferenciado de desenvolvimento, o ecocapitalismo, fundando-se em uma nova expectativa, de um desenvolvimento sustentável, forma diferenciada de discutir a temática ambiental e isso sem abandonar o progresso e o aperfeiçoamento tecnológico.

1 CAPITALISMO NA *ERA DO CAPITAL*

O capitalismo, a *máxima* da modernidade, surge inicialmente como sistema econômico, não obstante posteriormente adquirir o caráter social, tendo como escopo principal a obtenção do lucro, visando a acumulação de riquezas, de modo que o processo se dá principalmente por intermédio dos meios de produção. O sistema, como o mais aplicado no planeta e o conjunto de ideais mais empregado no desenvolvimento mundial, é sem dúvidas um fértil terreno para discussões teóricas e ideológicas, considerado o sistema social mais apoiado no contexto global atual, de forma intencional ou tácita. (WOOD, 2001, p. 11)

Salienta Weishaupt Proni (1997, p. 04) que o capitalismo pode ser entendido, genericamente, como:

um regime de produção, distribuição e apropriação da riqueza material, cujo movimento se autodetermina segundo leis gerais da acumulação de capital. Como tal, implica a configuração de relações sociais específicas, baseadas na divisão da sociedade em classes antagônicas e na competição legal pelo poder econômico no âmbito dos mercados.

Outrossim, na *Era do Capital* propagamos os meios de produção como propriedade privada e o motor dessa grande estrutura mecânica, fria e acelerada origina-se no esforço das mãos dos trabalhadores. (WHITE, 2018) Os doravante denominados de proletários tendem a exercer a maior parcela de tarefas e atividades coletivas, de modo que proporcionam o lucro devido para seu amo, os proprietários, senhores e reais possuidores de riquezas.

(BRENNER, 2018, p. 20)

Neste sistema, um grande organismo com vontade própria não regrado pelas rédeas do Estado mas sim por seu próprio arbítrio e sua própria vontade, uma besta opulenta, farta e exuberante alimentada por sua nutriz, o *deus* do comércio, do consumo, e do dinheiro, uma fera ou uma *mão invisível*⁵. (SMITH, 1983, p. 25) Nele, o processo de decisões acerca da oferta e do preço, do investimento e da distribuição e sobre as demandas são discutidos objetivando o *lucro*, palavra chave nesse contexto. (GOTO-JONES, 2018, p. 07)

Busca-se sempre o auferimento do lucro, os haveres provenientes dos rendimentos apurados oriundos do trabalho coletivo. (WANG, 2018, P. 55) Sendo que, para os dividendos permanecerem sempre em estado sobrepujante, faz-se necessária a adoção de meios de redução dos custos de produção, matéria-prima com preço acessível e mão-de-obra mais barata, mesmo que em algumas situações isso resulte em lesão aos interesses do trabalhador. (FRASER; JAEGGI, 2018, p. 17)

O lucro figura como conceito central. A lógica e o sentido desse sistema reside no aumento dos rendimentos, na obtenção do ganho. (ZAKIM, 2018, p. 12) A multiplicação dos dividendos e respectiva distribuição aos proprietários e investidores, bem como, o pagamento de salário aos trabalhadores pelas companhias é a força motriz desse sistema bem desenvolvido. (STANDING, 2018, p. 120)

Esse sistema dominante denominado capitalismo funda-se nos direitos individuais, estribando-se principalmente em princípios como a propriedade privada, de modo que o sistema produtivo tende a pertencer a uma pessoa ou a um grupo, firmando-se, então, a ideia de bens particulares onde se consolidam os locais de utilização individual ou áreas exclusivas. (DASGUPTA, 2018, p. 17)

A consolidação de uma economia de mercado, fundada na livre iniciativa e no anseio de controlar o mercado capitalista com mínima ou nenhuma intervenção estatal traduz este projeto que não é regido por disposições

5 - O termo *mão invisível* foi introduzido pelo economista e filósofo britânico Adam Smith em sua obra *A Riqueza das Nações* para demonstrar de que forma se dá, em uma economia de mercado, a interação dos agentes que parece resultar numa determinada ordem, e isso não obstante a inexistência de uma entidade reguladora dos interesses comuns, de modo que, como se houvesse uma «mão invisível», ela estaria a orientar a economia. A referida mão invisível mencionada pelo estudioso aludia ao que é conceituado atualmente como lei da oferta e procura. Cf. (BASU, Kaushik. *Beyond the Invisible Hand: groundwork for a new economics*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2010; SAMUELS, Warren J. *Erasing the Invisible Hand: essays on an elusive and misused concept in economics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.)

governamentais mas sim pela chamada lei da oferta e da procura, de modo que o valor dos produtos oscilam em face ao desejo e procura dos consumidores finais em consonância com a oferta de mercadorias. (WAITZKIN, 2018, p.80)

A obtenção da melhor forma de lucro e o oferecimento de mercadorias com valor acessível e de boa qualidade é o que financia uma disputa tão presente no modelo, a *concorrência*, amplificando as opções e possibilitando a oscilação dos preços. Tal como um organismo vivo ele se desenvolve e se auto-regula. (CANTERBERY, 2018, p. 98).

O fato de fomentar a divisão de classes é outro ponto que chama bastante atenção no modelo capitalista estabelecendo dentro do sistema de trabalho coletivo quais as posições de cada protagonista, aqueles que detêm o poder e principalmente o lucro e aqueles que trabalham e detêm, conseqüentemente, a produção do lucro.

Uma parcela pequena denominada de *burguesia* ou os ditos capitalistas se opõem e se relacionam ao mesmo tempo com um outro grupo denominado de *proletários*, a maioria, numa relação que varia entre o parasitismo e o mutualismo, simbiose essa que por vezes é considerada perigosa. (FIORINO, 2018, p. 17)

Essa maioria que oferta sua força de trabalho com vistas a um salário corre riscos, na divisão de classes, uma vez que o proprietário capitalista nem sempre irá oferecer a remuneração apropriada, compatível e devida que possa suprir as necessidades mínimas da classe operária. (GONICK; KASSER, 2018, p. 58)

A problematização do capitalismo como sistema social, que muito mais além está indo do que o sistema econômico, dá-se de imediato quando se observam as questões pertinentes às desigualdades sociais, algo que está intimamente ligado com a divisão de classes. (RICHER, 2018, p. 11)

A expansão e o desenvolvimento do modelo capitalista funda-se principalmente em um ponto basilar, o desenvolvimento tecnológico, que no desenrolar da globalização, logo à frente mais estudado por nós, permitiu a profusão dessa estrutura econômica e agora social, prescrevendo sistemas de produção modernizados e difundindo políticas econômicas monetárias.

Outrossim, o sistema de capital só alcançou seu ápice a partir do emprego de estruturas e meios tecnológicos avançados e através da utilização e manipulação do corpo social que garantiu o acesso aos bens de consumo e, como consequência final, o acúmulo de lucro e capitais pelos empresários.

(LEINS, 2018, p. 09)

Há de se mencionar, ainda, que o sistema capitalista divide-se em três grandes momentos. Inicia-se com o capitalismo mercantil, vigendo do século XV ao século XVIII. Tendo como propósito primordial a exploração primária, utilização de terras agricultáveis, acumulação do capital, e a mercantilização de produtos, objetivava sempre o lucro e as riquezas. (PEREIRA, 2011, p. 177)

Em um segundo momento, a partir do século XVIII, surge o capitalismo industrial. (PEREIRA, 2011 p. 179) Dadas as mudanças decorrentes da Revolução Industrial, o modelo também passa a tomar formas diferentes, evoluindo, e fundadas em mudanças no modo de produção transitaram de uma produção manufatureira para a industrialização em larga escala. Surgem as máquinas. Modelos artesanais ou manuais são agora substituídos. (HOLTON, 2018, p. 15)

Após têm-se como momento crucial o advento do capitalismo financeiro. Emergem as instituições financeiras. Bancos, comércios, financiadoras e todo um aparato cambiário desenvolve-se na idade do numerário e da pecúnia. A economia lança raízes mais profundas⁶ e o monopólio financeiro cresce abruptamente com o grande mercado e o poder das indústrias sobressalientes. (ZUBOFF, 2018, p. 69)

Por fim, vivenciamos no tempo presente o capitalismo de informação. Tendo como base o ápice das novas tecnologias, a aceleração do poderio cognitivo e instauração da *Era da Internet*. (RINDERMANN, 2018, p. 56) O processo de conhecimento, a adoção de sistemas de informação juntamente com a globalização, computadores, robótica, mecatrônica, internet e a chegada e adoção do *e-commerce* estabeleceram, de uma vez por todas, essa nova forma de capitalismo, não substituindo as faces anteriores mas, sim, complementando e evoluindo este complexo sistema socioeconômico. (PEREIRA, 2011 p. 182)

2 CAPITALISMO, DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E MEIO AMBIENTE

6 - Entre 1896 e as vésperas da Primeira Guerra Mundial, a economia mundial experimentou um *boom* de crescimento, apoiado num aumento significativo do consumo das populações urbanas dos países centrais. O barateamento dos bens de consumo (propiciado pelo aumento da produtividade industrial) e a facilitação do crédito para compras de bens duráveis (crediário) geraram uma produção em larga escala sancionada por um mercado de massa. O fato é que, na virada do século, as populações urbanas na Europa ocidental e nos EUA passaram a representar uma parcela majoritária da população total, e não só a burguesia como também a classe operária puderam desfrutar de uma elevação de seu padrão de vida. Cf. (PRONI, Marcelo Weishaupt. História do capitalismo: uma visão panorâmica. *Cadernos do CESIT*, Campinas, n. 25, out. 1997. p. 22. Disponível em: <http://www.cesit.net.br/cesit/images/stories/25CadernosdoCESIT.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2017.

Falar em capitalismo, inevitavelmente, requer que falemos de globalização. Um dos principais acontecimentos proporcionados pela Teoria do Capital é a globalização, um dos principais fenômenos da modernidade. A aproximação entre as esferas social, econômica, política e cultural proporcionou o estouro das relações de cambio e das interações de mercado. Abrem-se as fronteiras do comércio. O acesso a produtos e tecnologias longínquas é agora desobstruído, transponível a todos. (MAZUMDAR, 2018, p. 13ss)

A mutabilidade e o ar volúvel que permeia a seara econômica impelem o sistema para novas áreas com novos meios e para um novo público, a dinâmica dos mercados e a volatilidade dos desejos faz com que a globalização lance suas raízes. (MOELLER, 2018, p. 20)

Os meios de aquisição do lucro e o acúmulo de riquezas é facilitado em um mundo globalizado. (BHATTACHARYYA, 2018, p. 32) O fomento das inúmeras transformações na ordem político-econômica e o advento das incontáveis metamorfoses da dita aldeia global permitiram as mais diversas conexões. (MCLUHAN, 1964, p.10-18)

A globalização como processo e instrumento do capitalismo possibilitou o desenvolvimento econômico e a expansão das fronteiras de mercado. A consolidação dessa nova sistemática a partir dos avanços tecnológicos e do fluxo desimpedido de informações e de comércio inauguram uma série de novos problemas. (SMITH, 2018, p. 31ss) Os dilemas da modernidade surgem como corolário das técnicas mais avançadas de expropriação e exploração dos recursos primários. (SISODIA; HENRY; ECKSCHMIDT, 2018, p. 09)

A construção de novos laços e relacionamentos mais próximos entre grupos distantes faz vir à tona temas como importação e exportação, grandes majorantes da problemática ambiental. A globalização econômica e o fomento das relações comerciais ampliou o diálogo nas questões pertinentes ao comércio internacional. O desenvolvimento de práticas de gestão global é maximizado e a liberdade de movimentação mercantil viabiliza conforto, qualidade de vida, comodidade e bem-estar.

Contudo, como bem adverte Quintana e Hacon (2011, p. 427) a crise

que caracteriza a contemporaneidade qualifica-se por um grau de intensidade e capilaridade muito maior que as suas antecessoras. Destaca-se, nesse contexto, a emergência da questão ambiental em escala local e global, em virtude dos impactos ambientais crescentes gerados pelo modo de produção capitalista dominante. Neste sentido,

a chamada crise ambiental atinge os variados grupos sociais de forma desigual uma vez que esta reflete as contradições clássicas inerentes ao capitalismo. A mundialização do capital e os novos contornos adquiridos pela economia na contemporaneidade acentuam ainda mais tais contradições caracterizando o cenário de crise.

Destarte, com a instituição de um mercado global a amplificação dos impactos ao meio ambiente se potencializou. A vontade dos grandes grupos econômicos e o interesse das corporativas aniquilou com o equilíbrio ecossistêmico e deu-se início à problemática ambiental global. (SAWYER, 2018, p. 23)

Não há dúvidas que, desde a economia primária, o capitalismo baseou-se na extração de recursos naturais buscando cada vez mais tecnologias que permitissem um avanço maior da atividade extrativista. A expropriação de matéria-prima da natureza de maneira irregrada e insustentável tornou-se um dos temas centrais das grandes pesquisas envolvendo o desenvolvimento.

Desenvolver e proteger os recursos naturais revelou-se um desafio contínuo e crescente para a resolução das questões ecológicas. O modelo insustentável, as práticas de degradação, a poluição desregrada e a consequente contaminação dos ecossistemas edifica o dilema constante da modernidade. Reflexos da globalização. A discussão em torno do hiperconsumo e a problemática dos resíduos só contribuem para esse emaranhado da contemporaneidade, um enredado labirinto de discussões teóricas e metodológicas na busca pelo fio da meada ou na mais plausível das soluções. (BRAND; WISSEN, 2018, p. 14)

O âmago do fenômeno da globalização nada mais é do que o mercado. As transações comerciais constituem a seiva que nutre a estrutura. A responsabilidade pelos danos e o dever de recompor é ínfimo, insignificante diante das inúmeras barbáries ambientais. (O'CONNOR, 2002, p. 49) A necessidade de constituição de um novo paradigma sob todos os aspectos entende-se em vias de iminência. (VICENZI, 2017, p. 2479ss)

O produto desta atividade perdulária e desenfreada se reflete nos cataclismas e colapsos ambientais, nas alterações climáticas, na extinção de espécies e diminuição do acesso à água potável, estes fatores influenciam potencialmente na instauração da crise ecológica tão evidente na atualidade, de modo que a tomada de decisões se faz tão necessária, uma vez que o atual modelo de desenvolvimento mostra-se lesivo ao meio ambiente e aos ecossistemas, criando-se assim um Leviatã climático, como bem diriam Mann e Wainwright (2018, p. 10).

Assim como os diversos acontecimentos que se desenrolaram na história mundial, a globalização, devido à sua multifacetada manifestação, denota frentes benéficas e úteis ao progresso, evolução e desenvolvimento da humanidade, mas, ainda assim, reproduz malefícios e infortúnios que se refletem nas desvantagens de um modelo econômico e social de alto risco. (CAMPBELL, 2018, p. 33)

3 ECOCAPITALISMO: PROJETO, FALÁCIA OU NADA DISSO?

Em face dos inúmeros períodos construtivistas, progressistas e pró-desenvolvimento, a realidade ecossistêmica transmutou-se. Ao longo de um grande período de tempo os recursos naturais foram extraídos das mais variadas formas e utilizando os mais diversos métodos. A gama de novos problemas acrescidos aos velhos conhecidos é variada. A natureza responde. (ARAÚJO; SILVA, 2012, p. 128)

Em meio a tantas novas modalidades de problemáticas que emergem da modernidade, aquelas de caráter ambiental se sobressaem. Não que se queira de alguma forma menosprezar as demandas sociais, educacionais ou de saúde, mas, sim, reforçar que o atual modelo vigente está indubitavelmente superado. Uma análise crítica das escolhas fundamentais da humanidade é substancial. (SARKAR, 1999, p. 10)

A necessidade de urgência é verificada no retardamento da resolução de dilemas primitivos, pretéritos, mas dissimulados e enrustidos pelo véu da procrastinação. A destinação indevida ou inexistente de resíduos sólidos, a contaminação do ar e do solo, a agricultura ultra tóxica, o desmatamento, a extinção de espécies oriunda de caça e tráfico e questões antigas como o aquecimento global e a diminuição da camada de ozônio continuam sendo uma realidade palpável.

A poluição eletromagnética, a acidificação de oceanos, deslocados ambientais, radiação e acidentes nucleares constituem problemas modernos, novas ameaças que cevam o rol de impasses. (CAJIGAS-ROTUNDO, 2007, p. 169)

A economia capitalista sempre buscou matéria-prima, cavando cada vez mais fundo, descobrindo, extraíndo, inovando e produzindo. As sequelas estão patentes e são visíveis a todos, implicações do antigo modo expropriatório e extrativista. O padrão está superado, portanto, antiquado à modernidade. (COMOLET, 1991, p. 42)

A necessidade de colaboração com processos de alta produtividade esperada pelo modelo capitalista entabulou o declínio ecológico desestabilizando os ecossistemas existentes e ensejou a necessidade da incorporação de um desenvolvimento convencionado sustentável, de modo que se estabelecesse um programa concomitante de proteção para manutenção do meio ambiente e dos recursos naturais. (AGUIRRE, 2015, p. 76)

A ideia de progresso irresponsável e a predisposição pela atividade predatória tiveram de ser remodeladas, a mudança no comportamento de indústrias e consumidores deram ensejo à nova era do ambientalismo. O surgimento de um novo modelo econômico se instaurou. Dá-se início ao ecocapitalismo. (PRIMAVESI, 1999, p. 25-27)

A perspectiva de um ecocapitalismo se inicia com a necessidade de instauração de um progresso vinculado às questões ambientais, um projeto de desenvolvimento que leve em consideração os aspectos ecológicos e ecossistêmicos em mútua e pacífica existência. (D' HUMIERES, 2013, p. 12)

Segundo Layrargues (2000, p.87):

A rota do ambientalismo empresarial apresenta-se como uma coalização entre o ecocapitalismo - que postula a necessidade da correção das imperfeições do mercado para enfrentar a questão ambiental - e o ambientalismo moderado - que postula a possibilidade de corrigir alguns elementos do capitalismo, enfatizando a viabilidade de as inovações tecnológicas mitigarem a problemática ambiental -, o que representa, sob a óptica do ambientalismo radical, uma posição similar por adotar uma postura reformista.

Desse modo, o ecocapitalismo ou capitalismo verde trata-se não somente de uma construção teórica, e sim de uma formulação técnica, proativa e eficiente que busca na práxis de uma nova forma de capitalismo integrar os princípios ecológicos com as estruturas de economia de mercado (MADOTTO, 1993, p. 10). A partir dessa incorporação, a concepção de um capitalismo sustentável passa a conceber noções elementares, conceitos e fundamentos para fusão entre desenvolvimento econômico e ambiência. (SERRA, 2010, p. 118)

Há de se trazer à baila um esclarecimento, uma dúvida que ainda paira, que ainda resiste, quanto às distinções entre *desenvolvimento sustentável* e *ecocapitalismo*. Primeiramente, *desenvolvimento sustentável* trata-se de proposta, política e meio de administração das questões ambientais, nada mais é do que um conjunto de práticas, trata-se das dinâmicas de crescimento

econômico aliado à gestão ecológica. Outrossim, o *ecocapitalismo* trata-se de um sistema social e econômico, e, ao contrário daquele, este não é um conjunto de práticas sustentáveis, embora as englobe, mas um modelo teórico, uma doutrina fundada na ideologia ambientalista que abrange um grande conjunto de padrões ecológicos e normas ambientais. (INGEBRITSEN, 2001, p. 24)

Pôr termo ao crescimento não está de forma alguma entre nossas propostas. O que se procura na verdade são “padrões tecnológicos mais adequados para o aproveitamento do potencial produtivo dos ecossistemas” (LEFF, 2000, p. 96). Deve-se ter em mente que a proposta de um ecocapitalismo vislumbra a possibilidade de progresso tecnológico e crescimento econômico sempre com vistas à manutenção dos processos ecológicos. (VALENCIA; TOBAR, 2006, p. 11). A ideia de decrescimento também não é desobservada, de modo que engendrar meios alternativos de lucro constitui instrumento de uma política de desenvolvimento sustentável. (ROGERS, 2010, p. 17)

A minimização dos impactos ambientais e a adoção de meios eletivos e opcionais de produção, como a reutilização e a reciclagem de materiais ou, ainda, a adesão a instrumentos alternados de melhor eficiência tecnológica e energética são ideais do manifesto ecocapitalista. (LEGASPE, 1996, p. 15)

Há uma expectativa de que os objetivos ambientais podem ser alcançados através das políticas de atuação do mercado, figurando como principal ferramenta, de modo que a mercantilização de recursos naturais e sua conversão em capital natural possibilite a o financiamento da preservação dos ecossistemas. De modo que a natureza figure como fonte externa de recursos e reserva de valor (ROSINI; ROSINI, 2017, p. 22). Capital gera capital e este é fundamental para a conservação do biopatrimônio, mesmo a despeito das ditas “ilusões do ecocapitalismo” sugeridas por Silva, Araújo e Santos (2012, p. 108).

Por fim, essa concepção aponta a ideia de que o crescimento econômico pode ser perfeitamente conciliável com a proteção da natureza de modo a harmonizar o auferimento de lucro com a utilização racional dos recursos naturais em um regime de coexistência pacífica e natural; trata-se, como diria Schonberger e Ramge (2018, p. 7) de reinventar a perspectiva capitalista, e isso sob a égide de um pensamento biocêntrico, introduzindo-se o pensamento ecológico através de uma ecofilosofia social e econômica. (MBANDAKULU, 2018, p. 12)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, conclui-se que o capitalismo, como o conhecemos atualmente, é um projeto em decadência. Em face dos inúmeros e complexos problemas que se revelam na modernidade, as relações de mercado e as novas tecnologias de produção tomarão novos caminhos e, a partir de um processo de adaptação, tem-se uma nova concepção de desenvolvimento.

A adoção de uma perspectiva ecocapitalista vem permitindo a junção entre o processo de desenvolvimento e o crescimento econômico com a preservação dos recursos naturais. Dessa forma, têm-se a abertura de um novo sistema não somente econômico mas também social, político e ecológico.

A pesquisa responde ao questionamento inicial justamente no ponto onde se proclama o conceito de desenvolvimento sustentável sob a égide do ecocapitalismo. Sustentando-se que o objetivo do trabalho foi alcançado no âmago da discussão através da exposição de parâmetros ecológicos de desenvolvimento socioeconômico, propondo medidas de administração de recursos numa ótica diferenciada, todavia, nunca obstruindo os processos de evolução e desenvolvimento, mas, sim, adequando-os a novos parâmetros de conservação da natureza.

O debate acerca da conscientização ambiental não é recente e a necessidade de gestão dos riscos e danos advindos da atividade industrial é fundamental para uma globalização saudável. O desenvolvimento sustentável, figurando como principal instrumento do sistema ecocapitalista, possibilita uma globalização racional e pautada nos valores ambientais.

A transmutação de um avanço tecnológico desenfreado para um avanço industrial ecologicamente correto, considerando-se a gravidade e as consequências de atividades potencialmente lesivas ao meio ambiente, constitui o ponto de partida para a adesão a um novo sistema de progresso e desenvolvimento; Esse sistema, como vimos anteriormente, terá o condão de reger o presente momento em padrões aceitáveis de desenvolvimento, ponderando-se sempre os ecossistemas e as demandas ambientais.

Sem dúvidas, há uma saída. O estabelecimento de medidas adequadas aplicadas a um sistema de gerenciamento ambiental em concomitância com a atividade industrial, indubitavelmente, proporcionará o equilíbrio tão

almejado em matéria de desenvolvimento nos tempos modernos.

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, Francisco Javier Quiero. El ecocapitalismo: gatopardismo del siglo XXI: análisis y evaluación de su impacto en el gobierno de Evo Morales 2005-2010. **Revista de Investigación en Derecho, Criminología y Consultoría Jurídica - DÍKÊ**, Puebla de Zaragoza, México, a. 9, n. 17, abr./sep., 2015. Disponível em: <http://www.apps.buap.mx/ojs3/index.php/dike/article/view/125>. Acesso em: 13 jan. 2018.
- ARAÚJO, Nailsa Maria Souza; SILVA, Maria das Graças. Economia verde: a nova ofensiva ideológica do ecocapitalismo, **Temporalis**, Brasília (DF), ano 12, n. 24, p. 127-143, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.portaldepublicacoes.ufes.br/temporalis/article/view/3128/3289>. Acesso em: 27 jan. 2018.
- BHATTACHARYYA, Gargi. **Racial capitalism: cultural studies and Marxism**. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield International, 2018.
- BRAND, Ulrich; WISSEN, Markus. **The Limits to Capitalist Nature: Theorizing the Imperial Mode of Living**. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield International, 2018.
- BRENNER, Robert. **The Economics of Global Turbulence: the advanced capitalist economies from long boom to long downturn, 1945-2005**. London: Verso Books, 2018.
- CAJIGAS-ROTUNDO, J. C. La biocolonialidad del poder. Amazonía, biodiversidad y ecocapitalismo. In: CASTRO-GOMEZ, S; GOSFROGUEL, R. (Comp.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-lesco, Siglo del Hombre, 2007.
- CAMPBELL, Stephen. **Border Capitalism, Disrupted: precarity and struggle in a southeast Asian industrial zone**. New York: Cornell University Press, 2018.
- CANTERBURY, E. Ray. **Inequality and Global Supra-Surplus Capitalism**. London: World Scientific Publishing, 2018.
- COMOLET, Arnaud. Le Renouveau ecologique: de l'eco-utopie a l'eco-capitalisme. **Revue Futuribles**, Paris, n. 157, Sept., 1991. Disponível em: <https://www.futuribles.com/fr/revue/157/le-renouveau-ecologique-de-leco-utopie-a-leco-capi/>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- DASGUPTA, Byasdeb. Contemporary imperialism and labour: an analytical

- note. In: SEN, Sunanda; MARCUZZO, Maria Cristina. (Eds.). **The Changing Face of Imperialism: Colonialism to Contemporary Capitalism**. New York: Routledge, 2018.
- D' HUMIERES, Patrick. **Le developpement durable va t-il tuer le capitalisme?** Les réponses de l'éco-capitalisme. Paris: Éditions Maxima, 2013.
- FIORINO, Daniel J. **A Good Life on a Finite Earth: The Political Economy of Green Growth**. New York: Oxford University Press, 2018.
- FRASER, Nancy; JAEGLI, Rachel. **Capitalism: a conversation in critical theory**. Hoboken, New Jersey: Wiley, 2018.
- GONICK, Larry; KASSER, Timothy. **Hypercapitalism: The Modern Economy, its Values, and How to Change Them**. New York: New Press, 2018.
- GOTO-JONES, Chris. **The Global University and the Spirit of Capitalism: towards freedom, happiness, and well-being?** Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield International, 2018.
- HOLTON, Woody. The Capitalist Constitution. In: BECKERT, Sven. DESAN, Christine. (Eds.) **American Capitalism: New Histories**. New York: Columbia University Press, 2018.
- INGEBRITSEN, Christine. Europeanization and Cultural Identity: two worlds of eco-capitalism. **Scandinavian Studies**, v. 73, n. 1, 2001. Disponível em: [http://www.jstor.org/stable / 40920278?seq=1#page_scan_tab_contents](http://www.jstor.org/stable/40920278?seq=1#page_scan_tab_contents). Acesso em: 14 mar. 2018.
- LAYRARGUES, Philippe Pomier. Sistemas de gerenciamento ambiental, tecnologia limpa e consumidor verde: a delicada relação empresa-meio ambiente no ecocapitalismo. **Rev. adm. empres.** vol.40 nº. 2 São Paulo Apr./ June 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo. php?pid=S0034-75902000000200009&script=sci_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75902000000200009&script=sci_arttext). Acesso em: 15 mar. 2018.
- LEGASPE, R. Luciano. **Reciclagem: a fantasia do ecocapitalismo - um estudo sobre a reciclagem promovida no centro da cidade de São Paulo observando a economia informal e os catadores**. 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 1996.
- LEINS, Stefan. **Stories of Capitalism: Inside the Role of Financial Analysts**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2018.
- LEFF, Enrique. **Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável**. Blumenau: FURB, 2000.

- MADOTTO, Rita. **L'Ecocapitalismo: L'ambiente come grande business**. Datanews: Roma, 1993.
- MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media**. London: Routledge, 1964.
- MANN, Geoff; WAINWRIGHT, Joel. **Climate Leviathan: a political theory of our planetary future**. London: Verso Books, 2018.
- MAZUMDAR, Surajit. 'Emerging' third world capitalism and the new imperialism: the case of India. In: SEN, Sunanda; MARCUZZO, Maria Cristina. (Eds.). **The Changing Face of Imperialism: Colonialism to Contemporary Capitalism**. New York: Routledge, 2018.
- MBANDAKULU, Martin Fortuné Mukendji. **Introduction à la bio-éco-philosophie: de la philosophie «brune» à la philosophie «verte»**. Paris : L'Harmattan, 2018.
- MOELLER, Kathryn. **The Gender Effect: Capitalism, Feminism, and the Corporate Politics of development**. Oakland, California: University of California Press, 2018.
- O'CONNOR, J. ¿Es posible el Capitalismo sostenible? In: ALIMONDA, H. (Org.). **Ecología política, naturaleza, sociedad y utopía**. Buenos Aires: CLACSO, 2002.
- PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. As duas fases da história e as fases do Capitalismo. **Crítica e Sociedade: revista de cultura política**. v.1, n.1, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/criticasociedade/article/view/13505/7720>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- PRIMAVESI, Ana. Eco-capitalismo o agro-ecología. **Hoja a Hoja del MAELA**. v. 9. n. 14, Oct, 1999. Disponível em: <https://maelac.wordpress.com/revista-hoja-a-hoja/>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- PRONI, Marcelo Weishaupt. História do capitalismo: uma visão panorâmica. **Cadernos do CESIT**, Campinas, n.25, out. 1997. Disponível em: <http://www.cesit.net.br/cesit/images/stories/25CadernosdoCESIT.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2017.
- QUINTANA, Ana Carolina; HACON, Vanessa. O desenvolvimento do capitalismo e a crise ambiental. **O Social em Questão - Ano XIV - nº 25/26 - 2011**. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/21_OSQ_25_26_Quintana_e_Hacon.pdf 28797. Acesso em: 15 mar. 2018.
- RICHER, Julian. **The Ethical Capitalist: how to make business work better for society**. New York: Random House, 2018.
- RINDERMAN, Heiner. **Cognitive Capitalism: Human Capital and the Wellbeing**

- of Nations. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2018.
- ROGERS, Heather. **Green Gone Wrong: Dispatches from the Front Lines of Eco-Capitalism**. London: Verso Books, 2010.
- ROSINI, Maria Gloria Bernardina; ROSINI, Matías Ezequiel. **Rebranding ecocapitalista: un análisis del discurso institucional**. Córdoba, Argentina: Universidad Nacional de Córdoba, 2017. Disponível em: <https://rdu.unc.edu.ar/bitstream/handle/11086/4666/05.pdf?sequence=6&isAllowed=y>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- SARKAR, Saral. **Eco-Socialism or Eco-Capitalism?: a Critical Analysis of Humanity's Fundamental Choices**. London and New York: Zed books, 1999.
- SAWYER, Laura Phillips. **American Fair Trade: Proprietary Capitalism, Corporatism, and the "New Competition", 1890-1940**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- SCHONBERGER, Viktor Mayer; RAMGE, Thomas. **Reinventing Capitalism in the Age of Big Data**. London: Hodder&Stoughton, 2018.
- SERRA, Franco Llobera. El modelo actual de consumo no es sostenible: sencillez de vida, ecoeficiencia y/o ecocapitalismo: opciones y perfiles de humanidad que ensanchan las condiciones de sostenibilidad. **Documentación Social: Revista de Estudios Sociales y Sociología Aplicada**, n. 156, Ene./Mar., 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=430>. Acesso em: 15 Mar. 2018.
- SILVA, Maria das Graças; ARAÚJO, Nailsa Maria Souza; SANTOS, Josiane Soares. "Consumo consciente": o ecocapitalismo como ideologia. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 95-111, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v15n1/a10v15n1.pdf>. Acesso em: 15 Mar. 2018.
- SISODIA, Raj; HENRY, Timothy; ECKSCHMIDT, Thomas. **Conscious Capitalism Field Guide: tools for transforming your organization**. Boston, Massachusetts: Harvard Business Press, 2018.
- SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. Tradução de Luiz João Baraúna, São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- SMITH, John. Marx's Capital and the global crisis. In: SEN, Sunanda; MARCUZZO, Maria Cristina. (Eds.). **The Changing Face of Imperialism: Colonialism to Contemporary Capitalism**. New York: Routledge, 2018.
- STANDING, Guy. **The Corruption of Capitalism: why renters thrive and work does not pay**. London: Bite Back, 2018.
- VALENCIA, Olver Quijano; TOBAR, Javier. Bio/ecocapitalismo y reinención

- de la emancipación social. In: VALENCIA, Olver Quijano; TOBAR, Javier. (Comp.). **Biopolítica y filosofías de vida**. Popayán, Colombia: Universidad del Cauca, 2006. Disponível em: http://www.unicauca.edu.co/porik_an/imagenes_5tienda/BIOPOLITICA.pdf. Acesso em: 15 mar. 2018.
- VICENZI, Glenda. Como vai acabar o Capitalismo? **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v.8, n. 3, jul./set. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2179-8966/2017/28797>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- WAITZKIN, Howard. **Health Care Under the Knife: moving beyond capitalism for our health**. New York: Monthly Review Press, 2018.
- WANG, Jackie. **Carceral Capitalism**. Los Angeles: Semiotexte/Smart Art, 2018.
- WHITE, Richard. Utopian Capitalism. In: BECKERT, Sven. DESAN, Christine. (Eds.) **American Capitalism: New Histories**. New York: Columbia University Press, 2018.
- WOOD, Ellen. **As origens do capitalismo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- ZAKIM, Michael. **Accounting for Capitalism: the world the clerk made**. Chicago: University of Chicago Press, 2018.
- ZUBOFF, Shoshana. **The Age of Surveillance Capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power**. New York: Public Affairs, 2018.

Recebido: 08.09.2018

Revisado: 30.11.2018

Aprovado: 27.01.2019